

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM  
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NATUREZA**

**EMIR LOUREIRO DE MELO**

**ABORDAGEM DO TEMA ALCOOLISMO COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA  
ESCOLAS INDÍGENAS**

**ERECHIM**

**2025**

EMIR LOUREIRO DE MELO

ABORDAGEM DO TEMA ALCOOLISMO COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA ESCOLAS  
INDÍGENAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Erechim, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sinara München

**ERECHIM**

**2025**

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Melo, Emir Loureiro de  
ABORDAGEM DO TEMA ALCOOLISMO COMO PROPOSTA DIDÁTICA  
PARA ESCOLAS INDÍGENAS / Emir Loureiro de Melo. -- 2025.  
36 f.:il.

Orientadora: Dra Sinara München

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo:  
Ciências da Natureza, Erechim,RS, 2025.

1. Educação Indígena. 2. Alcoolismo. 3. Ciências da  
Natureza. 4. Cultura Kaingang. I. München, Sinara,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.

EMIR LOUREIRO DE MELO

ABORDAGEM DO TEMA ALCOOLISMO COMO PROPOSTA DIDÁTICA  
PARA ESCOLAS INDÍGENAS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado(a) no curso Interdisciplinar de Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela Banca no dia 04/12/2025, em sessão presencial na UFFS-Campus Erechim, a partir das 13h30min, na sala 305 do Bloco A.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Sinara Munchen (Orientadora)

Prof. Dr. Matheus Fernando Mohr (Avaliador)

Prof. Dra. Renata Portugal Oliveira (Avaliadora)

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a abordagem do alcoolismo como proposta didática para escolas indígenas e busca compreender de que forma esse tema pode ser trabalhado de maneira contextualizada e significativa no ambiente escolar indígena. O objetivo principal é construir uma proposta de ensino sobre alcoolismo para escolas indígenas no ensino de Ciências da Natureza. Os objetivos específicos foram: Estudar e caracterizar o alcoolismo e seus impactos nas comunidades indígenas; planejar um conjunto de aulas para a disciplina de Ciências a partir do tema alcoolismo; elaborar reflexões sobre a proposta de ensino para a educação escolar indígena. O alcoolismo é um problema que afeta diversas comunidades indígenas, interferindo na saúde física, emocional e social dos indivíduos, bem como na organização coletiva e na transmissão dos saberes tradicionais. Além disso, o tema traz como foco o estudo sobre o ritual Kiki, fazendo a junção dessa prática e de sua importância para o povo Kaingang. Diante dessa realidade, o estudo propõe reflexões sobre o papel da escola na prevenção e conscientização acerca do consumo de bebidas alcoólicas, considerando a importância de respeitar e valorizar a cultura, a língua e os modos próprios de aprender do povo Kaingang. A pesquisa tem caráter qualitativo e exploratório, fundamentando-se em autores que discutem a educação escolar indígena, saúde e interculturalidade, bem como em documentos e projetos pedagógicos de escolas localizadas em Terras Indígenas. O trabalho foi desenvolvido a partir de análise bibliográfica e observações do contexto escolar, com o intuito de compreender as práticas educativas que podem contribuir para o enfrentamento do alcoolismo entre os jovens indígenas. Além disso, busca-se propor atividades didáticas que promovam a reflexão crítica dos alunos sobre o tema, integrando conhecimentos científicos e saberes tradicionais, fortalecendo o diálogo entre ambos. Os resultados evidenciam que a escola indígena pode se tornar um espaço fundamental para o fortalecimento cultural e para a promoção da saúde comunitária, desde que o ensino seja pautado no respeito à identidade e nas necessidades do povo. O estudo conclui que trabalhar o tema do alcoolismo na escola, por meio de uma proposta pedagógica intercultural, contribui para formar estudantes conscientes, valorizando os conhecimentos dos mais velhos e estimulando atitudes de cuidado coletivo e de resistência cultural frente aos desafios contemporâneos.

**Palavras-chave:** Educação indígena. Alcoolismo. Ciências da Natureza. Cultura Kaingang.

## **ABSTRACT**

This Final Course Project focuses on the approach to alcoholism as a didactic proposal for indigenous schools and seeks to understand how this theme can be addressed in a contextualized and meaningful way within the indigenous school environment. The main objective is to construct a teaching proposal on alcoholism for indigenous schools within the context of Natural Sciences education. The specific objectives were: to study and characterize alcoholism and its impacts on indigenous communities; to plan a set of lessons for the Science subject based on the theme of alcoholism; and to develop reflections on the teaching proposal for indigenous school education. Alcoholism is a problem affecting various indigenous communities, interfering with the physical, emotional, and social health of individuals, as well as with collective organization and the transmission of traditional knowledge. Furthermore, this study focuses on the Kiki ritual, linking this practice and its importance to the Kaingang people. Given this reality, the study proposes reflections on the role of schools in preventing and raising awareness about alcohol consumption, considering the importance of respecting and valuing the culture, language, and unique ways of learning of the Kaingang people. This research is qualitative and exploratory in nature, based on authors who discuss indigenous school education, health, and interculturality, as well as on documents and pedagogical projects from schools located in Indigenous Lands. The work was developed from bibliographic analysis and observations of the school context, with the aim of understanding educational practices that can contribute to addressing alcoholism among indigenous youth. Furthermore, it seeks to propose didactic activities that promote critical reflection among students on the topic, integrating scientific knowledge and traditional wisdom, strengthening the dialogue between the two. The results show that indigenous schools can become a fundamental space for cultural strengthening and the promotion of community health, provided that teaching is based on respect for the identity and needs of the people. The study concludes that addressing the issue of alcoholism in schools, through an intercultural pedagogical approach, contributes to forming conscious students, valuing the knowledge of elders and encouraging attitudes of collective care and cultural resistance in the face of contemporary challenges.

**Keywords:** Indigenous education. Alcoholism. Natural sciences. Kaingang culture.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Estrutura geral da Sequência Didática .....	25
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

OMS - Organização Mundial de Saúde

DST - Doenças sexualmente Transmissíveis

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

PPP - Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
2.1. Religiosidade .....	15
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>21</b>
4.1 Caracterização da escola indígena e da comunidade.....	21
4.2 Sequência didática .....	23
<b>5. REFLEXÕES SOBRE A PROPOSTA.....</b>	<b>29</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema “Abordagem do Tema Alcoolismo Como Proposta Didática para Escolas Indígenas”, desenvolvida com base na comunidade indígena Kaingang, na Terra Indígena de Nonoai, localizada no norte do estado do Rio Grande do Sul. O objetivo principal é construir uma proposta de ensino sobre alcoolismo para escolas indígenas no ensino de Ciências da Natureza. Os objetivos específicos são: Estudar e caracterizar o alcoolismo e seus impactos nas comunidades indígenas; Planejar um conjunto de aulas para a disciplina de Ciências a partir do tema alcoolismo; Elaborar reflexões sobre a proposta de ensino para a educação escolar indígena.

O trabalho traz como problema: Como podemos inserir e trabalhar o tema alcoolismo na educação escolar indígena? Essa proposta pedagógica vem com o intuito de trabalhar e discutir com os alunos sobre os efeitos e malefícios que as bebidas alcoólicas podem trazer. Para trabalhar com isso serão elaboradas seis aulas para a disciplina de Ciências e a partir disso buscar reflexões sobre a educação escolar indígena diferenciada. Entende-se como uma escola diferenciada, aquela onde possam unir os conhecimentos científicos e os conhecimentos daquela comunidade, como prevê a Constituição de 1988, que dá aos indígenas o direito de usufruir da “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições” (Brasil, 2022, p. 126). Além disso, segundo a lei é “assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (Brasil, 2022, p. 115).

Destacar o assunto alcoolismo revela estarmos pautados em uma das problemáticas de extrema importância na sociedade, que aliás, assola a humanidade desde os tempos da antiguidade. É justamente a partir do consumo da bebida alcoólica que acontecem muitos acidentes no trânsito, no trabalho, violência, problemas de saúde, mortes, dentre outros. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) o álcool é consumido por grande parte das pessoas na maioria dos países do mundo. A cada ano, cerca de dois bilhões de pessoas consomem bebidas alcoólicas, correspondendo a 40% da população mundial acima de 15 anos de idade. Dados do Ministério da Saúde apontam que, em 2023, 20,8% dos adultos relataram o consumo abusivo de bebidas alcoólicas — quatro ou mais doses para mulheres e cinco ou mais doses para homens em uma mesma ocasião. Esse indicador apresenta relativa estabilidade na série histórica analisada” (Brasil, 2024, p. 50). Dessa forma, “observa-se aumento do consumo abusivo de álcool entre as mulheres e jovens adultos, evidenciando uma mudança nos padrões de consumo ao longo da última década” (Cisa, 2024, p. 14).

Se tratando das comunidades indígenas do país, existe um consumo excessivo de bebidas alcoólicas, o que mostra a vulnerabilidade a que estão expostas, bem como o processo de perdas com o colonizador que é uma das figuras provocativas do aliciamento de indígena à utilização da

bebida (Langdon, 2001). Sendo assim, isso provoca muitos conflitos entre indígenas e não indígenas, em que muitos perderam suas vidas, ou foram expropriados dos seus territórios. Além disso, o autor acrescenta que o aumento da prevalência de alcoolismo dos indígenas está diretamente relacionado com o processo de “pacificação cultural”. Isto é, a sociedade branca ainda é afirmada na ideia do indígena como um ser selvagem que necessita ser domesticado para ser inserido socialmente.

Todavia, o contexto das bebidas alcólicas nas populações indígenas antes da colonização se dava de forma tradicional, principalmente nas cerimônias de consumo coletivo, em festas, tanto profanas como religiosas. Podemos citar por exemplo no povo Kaingang, que as utilizavam em ocasiões de caçadas, pescarias, colheitas, guerras, ritos de nascimento, cerimônias fúnebres e outras celebrações religiosas. O preparo era realizado pelas mulheres, que usavam matérias primas retiradas da própria aldeia, as quais eram depositadas em potes de barro.

No caso dos Kaingang, estudos etnográficos indicam que o uso tradicional de bebidas fermentadas em rituais, como o *kiki koj*, passou por mudanças profundas ao longo do tempo. Conforme Oliveira (apud Ghiggi Junior, 2012, p. 121), “as formas de violência entre os Kaingang [...] parecem crer que [...] a agressividade [...] hoje são inseridas no âmbito do alcoolismo”. Essa constatação mostra que o consumo de álcool nas comunidades Kaingang do Sul do Brasil não pode ser compreendido apenas como um problema individual, mas como resultado de um processo histórico de dominação e perda cultural que atingiu diretamente a organização social e espiritual desse povo.

Segundo Guimarães e Grubits (2007),

O alcoolismo é uma das enfermidades mais comuns entre os grupos indígenas brasileiros, especialmente nas regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Elas destacam que o alcoolismo é considerado uma das principais causas de mortalidade, seja pelo aumento da ocorrência de doenças como cirrose, diabetes, hipertensão arterial, doenças do coração e do aparelho digestivo, depressão e estresse, seja por fatores externos como acidentes, brigas, quedas e atropelamentos (p. 46).

O consumo de álcool entre os povos indígenas é um problema complexo e pouco estudado, o que dificulta a formulação de políticas públicas e ações educativas adequadas. Como ressaltam Langdon (2001) e Meihy (1991, p. 48),

O desconhecimento e a falta de estudos sobre a dimensão do problema do consumo de bebida alcoólica entre os indígenas, quais os seus determinantes, quem são os mais atingidos e quais fatores podem estar subjacentes, ocasionam limitações para o desenvolvimento de ações mais adequadas e propiciam a formulação de pré-conceitos, bastante comuns quando se fala em comunidades indígenas e consumo abusivo de álcool.

A introdução de bebidas alcólicas industrializadas ocorreu em contextos de contato com o não indígena, especialmente durante períodos de exploração econômica e desestruturação

territorial. Esses processos geraram rupturas nas práticas culturais tradicionais, substituindo gradualmente o consumo ritualístico e simbólico do *kiki koj* por um uso desordenado de bebidas alcoólicas externas à cultura Kaingang. Assim, o álcool, que antes estava associado a celebrações espirituais e coletivas, passou a representar sofrimento, perda de identidade e desigualdade social.

Documentos do Ministério da Saúde já alertavam que “a violência doméstica ligada ao alcoolismo aparece entre os Kaingáng do Sul do país” (Seminário sobre Alcoolismo e Vulnerabilidade às DST/Aids, 1997), demonstrando que o problema vai além da saúde física e atinge o equilíbrio comunitário e familiar. Essa realidade é reforçada por iniciativas locais que buscam conscientizar sobre o tema. O portal *Povos Indígenas no Brasil* registra que foram produzidas “cartilhas escolares sobre saúde (alcoolismo, DST/AIDS)” em aldeias Kaingang, o que revela a preocupação das próprias comunidades e educadores indígenas em tratar o alcoolismo como um desafio coletivo e de saúde pública.

Esses esforços demonstram que a comunidade Kaingang reconhece a necessidade de discutir o tema nas escolas, principalmente como forma de fortalecer a identidade cultural e prevenir que novas gerações se afastem dos valores tradicionais. Ao abordar o alcoolismo de forma crítica e contextualizada, a escola indígena torna-se um espaço de resistência e reconstrução cultural, promovendo reflexões sobre a importância de retomar o sentido espiritual e coletivo das práticas tradicionais, em contraposição ao consumo destrutivo imposto pela sociedade envolvente.

Como lembra Baniwa (2019), a escola indígena precisa ser um lugar de construção da autonomia dos povos, e não de reprodução da dependência. Para ele, a educação deve contribuir para que os povos indígenas possam “refletir, analisar e decidir por si próprios sobre o tipo de vida e de futuro que querem ter” (p. 42). A partir dessa perspectiva, acredito que trazer o tema do alcoolismo para dentro da escola não é apenas falar sobre saúde, mas também sobre autonomia, resistência e cuidado coletivo.

O ensino de Ciências, nesse sentido, não deve se limitar aos conteúdos do livro didático. Como propõe Paulo Freire (2022, p. 95), ensinar exige compreender que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Essa ideia me inspira a pensar as aulas como momentos de diálogo e troca entre os saberes indígenas e os saberes científicos, para que os alunos compreendam os efeitos do álcool sobre o corpo humano, mas também reflitam sobre as causas sociais e culturais do alcoolismo em nossas aldeias.

Por isso, se torna necessário que professores indígenas e não indígenas façam uma abordagem mais aprofundada nas escolas indígenas sobre esse problema que tanto afeta esses povos. Nesse sentido, há possibilidade de o currículo escolar evidenciar diferentes caminhos para trazer em pauta tal assunto, seja através dos professores bilíngues (Língua materna e portuguesa) ou também do ensino das ciências naturais. Pois, estas áreas oferecem aportes para tratarmos de um tema que

na maioria das comunidades ainda é algo receoso de ser tocado, seja por preconceito ou até mesmo por desconhecimento dos moradores, ou pela ocultação de informações sobre os responsáveis pela saúde indígena.

De maneira geral, o consumo de bebidas alcoólicas tem aumentado significativamente nas aldeias indígenas. Desde muito cedo, os adolescentes passam a utilizar bebidas alcoólicas de forma descontrolada, muitas vezes influenciados pelos amigos ou observando o consumo por parte dos pais em festividades comunitárias, como jogos de futebol, festas e casamentos. Esse comportamento evidencia a complexidade do problema, que não se limita apenas à disponibilidade de álcool, mas envolve fatores culturais, sociais e familiares.

A proposta, portanto, procura contribuir para que o ensino de Ciências nas escolas indígenas vá além da transmissão de conteúdos e se torne um espaço de diálogo entre saberes, promovendo uma educação crítica, reflexiva e culturalmente significativa. Como diz Freire (1996), ensinar é um ato de amor e coragem — e acredito que falar sobre o alcoolismo de forma aberta, respeitosa e educativa é também um ato de amor pelo nosso povo e pela nossa cultura.

Pelo acima exposto, justifica-se que esse cenário evidencia a necessidade de abordar a questão de maneira mais ampla nas escolas indígenas. Nesse sentido, o ensino de Ciências pode contribuir para compreender os impactos do álcool sobre o corpo e a mente, mas também para valorizar o conhecimento tradicional e promover o fortalecimento da cultura Kaingang.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Lins e Vasconcelos (2004, não paginado), “a questão indígena no Brasil é um tema recorrente e marcado por lutas e movimentos de resistência com a finalidade da retomada dos territórios tradicionais dos povos indígenas e da defesa da sua identidade cultural”. Nesse contexto, durante o processo de colonização uma das estratégias de pacificação empregadas foi a introdução da bebida alcoólica, o que acabou gerando sérios problemas sociais e de saúde para essas comunidades.

Segundo Guimarães e Grubits (2007, p. 48),

O alcoolismo tem sido associado também a um importante aumento do índice de crianças com desnutrição e considerado como um dos fatores que têm provocado tensão dentro das comunidades, estimulando a sexualidade fora das regras do grupo, assim como abuso sexual e prostituição nos centros urbanos e em rodovias (*apud*. Ministério da Saúde, 2001).

Esses fenômenos são considerados desvios da cultura tradicional indígena, que antes da introdução do álcool mantinha regras sociais bem estabelecidas.

De acordo com (Langdon; Matteson, 1996)

Existe a necessidade imperativa de que sejam realizados estudos que, ao abordar a questão do uso de bebidas alcoólicas, considerem as peculiaridades culturais dos diferentes grupos indígenas, bem como possam agregar os conhecimentos sobre sua história de contato com a sociedade nacional (*apud* Guimarães e Grubits, 2007, p. 46 ).

No entanto, entre alguns grupos indígenas a partir do momento desse contato com as sociedades não indígenas, esses povos ficaram vulneráveis e muitas vezes foram coagidos ao consumo de bebidas alcoólicas.

Percebe-se que, entre os povos indígenas do Brasil, têm aumentado os casos de problemas sociais, como o alcoolismo e a depressão. Essas situações acabam contribuindo para índices de mortalidade que são muito superiores à média nacional, variando conforme a região. Esse cenário demonstra o quanto essas comunidades estão em situação de vulnerabilidade e reforça a importância de políticas públicas de saúde e de profissionais preparados para atuar de forma sensível nesses contextos. Os profissionais de saúde também não estão bem preparados para tratar do tema alcoolismo nas aldeias, agravando assim cada vez mais a situação desses grupos. Nessas comunidades o consumo de álcool não é só apenas entre as pessoas mais velhas, os mais novos também estão ingerindo essas bebidas, onde muitas vezes os pais não têm o controle sobre seus filhos. Muitos não conseguem ter respeito pelos seus pais, sem horários para chegar a casa, desestruturando assim suas famílias.

Esse uso excessivo de bebidas alcoólicas vem se agravando cada vez mais nas comunidades que foram mais afetadas pela colonização, esse contato fez com que muitos perdessem seus

costumes. Quando acontecem esses problemas as lideranças têm que tomar algumas providências, sendo que muitas vezes piora ainda mais a situação desses indivíduos.

Coloma (2001) aponta para a importância das mudanças socioculturais no processo de colonização, analisando “o sofrimento individual e/ou coletivo como fator determinante para a quebra do equilíbrio individual e/ou social e o alcoolismo como uma das manifestações do desequilíbrio juntamente com outras, citando a violência auto e/ou hetero dirigida” (*apud* Guimarães & Grubits, 2007, p. 46). A presença da bebida alcoólica muda muito a rotina da vida dessas pessoas, incluindo a subsistência e alimentação.

Segundo Oliveira (2001) no estudo denominado “Alcoolismo entre os Kaingáng: do sagrado e lúdico à dependência”, mostra o significado das bebidas fermentadas no contexto ritualístico, usado como reafirmação grupal em festas sagradas e profanas e lembra a triste iniciativa oficial de instalação de alambiques dentro de algumas áreas indígenas, como um dos fatores determinantes na forma atual de beber e ainda como um desagregador social entre os Kaingáng.

A síndrome fetal alcoólica, decorrente do consumo de álcool durante a gestação, configura-se como uma realidade perversa que atinge os grupos indígenas. Muitas crianças apresentam problemas de comportamento, deficiência no crescimento, desordem no sistema nervoso central entre outras dificuldades (Siqueira-Duran, 2001).

Essa ocorrência afeta também a vida escolar do aluno indígena, pois muitos apresentam dificuldades na aprendizagem, a partir disso é possível questionar-se sobre as causas que acarretam nisso, porque será que essas famílias que consomem bebidas alcoólicas com mais frequência seus filhos têm mais dificuldade na sua aprendizagem? Pensando nesse sentido é preciso um estudo mais aprofundado sobre essas causas, onde a escola pode ser um dos meios para abordar essas questões.

## 2.1 RELIGIOSIDADE

Na cultura Kaingang, a espiritualidade sempre esteve profundamente ligada à vida cotidiana. Para o povo, tudo o que existe — árvores, rios, animais, pessoas — possui vida e espírito. Por isso, os ancestrais ocupam um lugar central na memória e no coração da comunidade: acredita-se que os espíritos daqueles que já se foram permanecem presentes, acompanhando, guiando e fortalecendo a luta de seus parentes que seguiram vivos.

É nesse contexto que se realiza o ritual aos mortos, conhecido como Ritual do Kiki. Trata-se de uma celebração que reúne toda a comunidade, além de famílias e grupos de aldeias vizinhas, para compartilhar momentos de alegria, recordação e espiritualidade. Nesse encontro, as pessoas conversam sobre suas experiências, cantam em homenagem aos que partiram, choram suas saudades, mas também sorriem por seguirem honrando o legado deixado pelos antepassados.

O Kiki é um momento profundamente significativo: ao reviver os caminhos trilhados pelos mais velhos, fortalece-se a identidade coletiva e renova-se o compromisso de continuar caminhando com coragem. Embora as melodias possam soar tristes, as palavras das canções inspiram força, unidade e a esperança de construir um mundo melhor.

A realização do Ritual do Kiki envolve não apenas um momento de celebração, mas também uma intensa preparação que mobiliza diferentes membros da comunidade. Cada etapa do ritual carrega significados próprios e reforça a relação profunda que o povo Kaingang mantém com a natureza, com os ciclos do tempo e com os ensinamentos ancestrais. Antes da festa, inicia-se um período de organização coletiva, no qual se definem as tarefas, coletam-se os materiais necessários e se fortalece o espírito comunitário que sustenta toda a cerimônia.

É nesse contexto que Silva et al. (2009) descrevem aspectos centrais da preparação do ritual:

[...] Ela sempre acontece nos meses entre janeiro e junho, que é a época de abundância do pinhão e também do milho. O Kiki é também o nome da bebida fermentada, que é consumida durante a festa. Para sua fermentação é necessário, além do milho, mel e água. Todo o processo de coleta do mel, e os demais materiais, como os nós de pinho para os fogos, exige preparativos que podem durar meses ( p. 50).

Esses preparativos revelam que o Kiki não é apenas um evento festivo, mas um processo que envolve cuidado, responsabilidade e conexão espiritual. Cada elemento reunido — o milho, o mel, o pinhão, a madeira para o fogo — carrega uma dimensão simbólica que reafirma os vínculos entre a comunidade, a terra e os ancestrais. Assim, quando finalmente chega o momento da celebração, tudo o que foi preparado anteriormente ganha sentido: a bebida fermentada é compartilhada, as canções ecoam, e a memória dos que já se foram é honrada por meio da união e da força coletiva.

A compreensão da espiritualidade Kaingang passa, necessariamente, pelo reconhecimento da centralidade que os ancestrais ocupam na vida do povo. A relação com os mortos não é vista como ruptura, mas como continuidade: os que partiram permanecem presentes, influenciando, protegendo e orientando os vivos. Essa presença constante se expressa em rituais, cantos, narrativas e práticas de respeito, revelando um sistema espiritual profundamente enraizado na memória coletiva e na convivência comunitária.

Nesse sentido, Baldus (1937) destaca a importância do culto aos mortos como fundamento essencial da espiritualidade Kaingang:

Deve-se apontar o culto aos mortos como a base e a expressão mais forte da cultura espiritual dos Kaingang, porque o poder sobrenatural dos mortos tornou-se para esses índios, mais do que qualquer outra coisa, um acontecimento místico e, por isso, objeto de crença. Não se pode mais averiguar as circunstâncias desse fato, mas, em todo caso, é ele supôr que elas foram favorecidas pelo modo de viver em domicílios fixos e pelo sentido de comunidade dos Kaingang, o qual, provavelmente, dentro das "metades", aumentou ainda devido à diferenciação social. (Baldus, 1937, p. 50 e 51)

A observação de Baldus reforça que o vínculo espiritual com os antepassados não é apenas uma crença isolada, mas parte estruturante da organização social Kaingang. O modo de vida comunitário, aliado à divisão tradicional em metades, fortaleceu ainda mais essa relação de respeito e reciprocidade com os mortos. Assim, práticas como o Ritual do Kiki não surgem apenas como cerimônias simbólicas, mas como momentos de reafirmação da identidade, da memória e da força coletiva do povo. Por meio delas, os Kaingang mantêm viva uma espiritualidade que atravessa gerações e sustenta a continuidade de sua cultura.

Ao considerar que a bebida alcoólica era usada apenas em rituais sagrados, as bebidas eram fabricadas pelos próprios indígenas. A maioria dessas comunidades preparava bebidas alcoólicas fermentadas, cujas matérias-primas incluíam seiva da palmeira, mel, frutas, banana, batata doce, milho, mandioca, caju entre outros. Esse uso de psicoativos em culturas tradicionais ocorria em contextos ritualizados, sendo assim, raramente apresentava-se como nocivo para os seus participantes, no grau que se vê nos dias atuais. No entanto, pela dinâmica do contato, as bebidas tradicionais fermentadas, acabaram sendo substituídas, mesmo que parcialmente, pelas destiladas.

Nos dias de hoje, ainda tem algumas aldeias Kaingang que realizam esse rito, como a aldeia de Chapecó. É uma das poucas comunidades que ainda o realizam, preparando a bebida em grandes cochos de madeira, mas adicionando cachaça aos ingredientes tradicionais (Tommasino; Rezende, 2000).

Essas bebidas eram ingeridas apenas nesses rituais especiais como o kiki, festa mais importante do povo Kaingang onde todos bebiam até cair, mas sim porque era festa, por isso poderiam beber sem limites. Tudo indica que o consumo de bebidas alcoólicas fermentadas entre os grupos indígenas não provocava transtornos de ordem física ou biológica, como acontece em relação ao uso das destiladas no presente. Porém a cachaça foi introduzida e começou a fazer parte do dia a dia das comunidades indígenas, contribuindo assim para a desagregação social e ocasionando agravos à saúde.

Os Kaingáng, conforme se dava o processo de pacificação e contato, começaram a substituir as bebidas fermentadas nos cochos, pela cachaça, fabricada em alambiques, algo que teve importante papel na estratégia de subjugação desse povo frente à sociedade nacional (Mota, 1998; Oliveira, 2000). Daí em diante deu-se o uso indiscriminado da bebida destilada (cachaça). Portanto nos grupos indígenas, a maneira como bebem difere de grupo para grupo, assim como as taxas variam de acordo com as particularidades do contexto sociocultural e histórico de cada povo (Langdon, 2000). Por isso é importante destacar que existem povos que consomem há mais tempo essas bebidas alcoólicas, porque o contato com outras culturas aconteceu primeiro.

É necessário conceituar aqui como o alcoolismo vem sendo definido pelas ciências médicas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o alcoolismo passou a ser denominado como,

"Síndrome de Dependência do Álcool", e sua definição enquanto tal é “estado psíquico e, também geralmente físico, resultante da ingestão do álcool, caracterizado por reações de comportamento e outras que sempre inclui uma compulsão para ingerir álcool de modo contínuo ou periódico a fim de experimentar seus efeitos, psíquicos e por vezes evitar o desconforto de sua falta, a tolerância ao mesmo podendo ou não estar presente (J.M. Bertolote *apud* Quilles, 2000, p.6). Ou ainda “uma doença crônica primária, com fatores genéticos, psicossociais, com fatores e ambientais influenciando seu desenvolvimento e suas manifestações” (Marlatt, 1999, p.12).

Souza (1996) ainda destaca que a síndrome da dependência do álcool é caracterizada como um processo sequencial, que se inicia com ingestão de bebidas até chegar a uma situação de dependência, num período que varia entre 5 a 10 anos, ligada a fatores cognitivos, comportamentais e fisiológicos. Por outro lado, as incapacidades relacionadas ao álcool consistem em disfunções físicas, psicológicas e sociais que advêm direta ou indiretamente do uso excessivo de bebida e da dependência.

Seguindo nessa mesma linha, o conceito biomédico da síndrome de dependência do álcool, caracterizada como universal, tem estabelecido o alcoolismo como doença, cuja causa é sempre a mesma para todas as pessoas em diferentes culturas. Dentro deste conceito, o alcoolismo aparece com conotação física, patológica e individual. No entanto, sabemos da necessidade de relativizar este conceito, visto que diversas culturas têm demonstrado padrões e hábitos de beber bastante específicos (Heath, 1993). Esses autores ainda destacam a necessidade de se entender os fenômenos do alcoolismo dentro do contexto sociocultural, sinalizando para a diversidade e as múltiplas representações do “beber” nas diferentes culturas, assim como para as diferentes causas do consumo de bebidas alcoólicas, sua intensidade e estilos de beber. Segundo Douglas (1987), o uso do álcool não só conduz a um relaxamento dos padrões culturais, mas também a comportamentos altamente padronizados e aprendidos, que diferem de uma cultura para outra.

### 3. METODOLOGIA

A presente metodologia se constitui como sua natureza o âmbito qualitativo, pois estamos abordando um tema e a sua relação entre os setores da escola e comunidade. Busca compreender a relação entre o alcoolismo e os diferentes setores da escola e da comunidade indígena. Nesse processo o pesquisador é a peça fundamental descrevendo a realidade, entendendo os sujeitos e comprometendo-se a desenvolver um produto pertinente para todos os envolvidos (Godoy, 1995; Trivinos, 1987).

A proposta foi elaborada para alunos indígenas do 9º ano, que frequentam as aulas em escolas localizadas em aldeias indígenas. Cada aluno apresenta uma realidade de vida diferenciada; muitas famílias demonstram pouco interesse pela escola e é raro que os alunos prossigam os estudos em faculdades ou universidades. O contato com o mundo urbano apresenta desafios para os jovens indígenas e essa realidade muitas vezes gera medo, insegurança e desistência escolar.

Como professor bilíngue percebo que muitos alunos indígenas estão desamparados no ambiente familiar. Grande parte são criados pelos avós, sem a presença direta dos pais, o que pode dificultar o incentivo aos estudos e afetar o desenvolvimento acadêmico. Essa desestrutura familiar também contribui para que os jovens indígenas se envolvam precocemente com bebidas alcoólicas, sendo comum que estudantes faltem às aulas nas segundas-feiras devido ao consumo de álcool no domingo.

Diante desse contexto, essa proposta pedagógica tem como objetivo trabalhar e discutir os efeitos e malefícios do álcool com os alunos, promovendo reflexões sobre a educação escolar indígena e valorizando os saberes culturais e comunitários.

Para desenvolver esse projeto foram elaboradas seis aulas para a disciplina de Ciências, nas quais os alunos poderão dialogar, debater e refletir junto aos professores sobre o tema alcoolismo. A metodologia adotada inclui: Pesquisa bibliográfica qualitativa, fundamentada em livros, artigos científicos e relatórios sobre alcoolismo, educação indígena e saúde coletiva; Contexto escolar e público-alvo: turmas do 9º ano de escolas indígenas, com atenção especial à preservação da língua materna Kaingang, permitindo que os alunos se expressem em sua língua nativa e relacionem experiências pessoais à aprendizagem científica; Classificação da pesquisa: exploratória, descritiva e qualitativa, pois busca compreender as percepções e experiências dos alunos, professores e membros da comunidade em relação ao consumo de álcool; Objetivo da pesquisa: promover a integração entre saberes culturais, conhecimento científico e educação preventiva, contribuindo para a formação de alunos conscientes sobre os efeitos do álcool e fortalecendo a saúde coletiva.

O projeto visa, portanto, unir teoria e prática, permitindo que os alunos compreendam o tema alcoolismo dentro de seu contexto cultural, familiar e escolar, refletindo sobre suas

consequências e possíveis soluções, sempre respeitando os saberes e valores da comunidade Kaingang.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA E DA COMUNIDADE

Para descrição e caracterização de algumas escolas indígenas foram consultados alguns Projeto-Político Pedagógico (PPP) na Terra Indígena de Nonoai, onde há 3 aldeias, nessas aldeias cada uma possui duas ou mais escolas, mas a aldeia Bananeiras onde resido possui só uma escola de ensino fundamental. Algumas dessas escolas relatam os objetivos e os desafios que as escolas indígenas buscam para trabalhar com uma educação específica e de qualidade.

Hoje vivemos em um mundo onde tudo está voltado para o capitalismo, e a cultura indígena vem sendo afetada por vários fatores, como os meios de comunicação e o contato com não indígenas. Esses acontecimentos favoreceram para ambos perderem seus costumes e hábitos culturais. Muitos por não saber o valor de sua cultura tentam se igualar ao povo “branco”.

As aldeias indígenas sofrem muito na parte econômica, pois falta uma política agrícola que incentive a produção e o manejo de suas terras assim como profissionais capacitados para dar assistência necessária para a produção. Além disso, é necessário um suporte de maior importância para as famílias que vivem da produção de seus artesanatos, que ainda preservam um pouco da sua cultura. Sendo que muitos não praticam confecção de artesanatos porque fazem parte de sua cultura, e sim porque necessitam de alguma fonte de renda para o sustento de suas famílias. Portanto, há uma necessidade muito grande para que sejam criadas estratégias e um modelo de subsistência para subsidiar as famílias mais necessitadas.

Esse modelo capitalista adotado pela minoria significa que a cultura indígena está sendo afetada de forma muito extensa, traçando um caminho sem volta, pois os avanços tecnológicos também favorecem para isso. Dessa forma não se sabe se isso é bom ou ruim para o povo indígena. O indígena antigamente não tinha esse pensamento de enriquecer ou ter condições financeiras fartas, e sim viver um dia após o outro com seus parentes e filhos todos juntos.

Esse viver indígena já vem sendo mudado por muito tempo, e o pouco que ainda resta precisa preservar e revitalizar com muito esforço. Desta maneira a escola indígena com uma educação voltada para as realidades, busca desenvolver nos alunos indígenas habilidades e potencialidades que possam contribuir para a preservação dos costumes e da cultura. Além disso, proporcionar ao estudante indígena os conhecimentos importantes para a construção de sua vida, dando-lhe uma visão de progresso coletivo para a melhoria do ser humano, onde estão contemplados os direitos e os deveres das comunidades indígenas, sua cultura, seus saberes e seus conhecimentos pedagógicos.

Somente através de uma educação diferenciada e de qualidade seremos capazes de refletirmos sobre a cultura dos nossos antepassados e assim comparar com os dias atuais. Para que

possamos buscar uma qualidade de vida melhor para nossos filhos e nossos velhos que hoje sofrem sem ser notados nas comunidades indígenas.

Os estudantes indígenas possuem condições adversas, em que alguns têm facilidade de aprendizagem enquanto outros apresentam grandes dificuldades. Esta situação deve-se muito às condições socioeconômicas em que as comunidades estão envolvidas, pois como já destacado que a grande maioria das famílias tem sua economia baseada no artesanato, as quais em determinados períodos do ano se deslocam para grandes cidades para comercialização. As famílias costumam levar seus filhos para essas vendas ficando prejudicados quanto aos conteúdos escolares, mas, aprendendo com as experiências que estas viagens proporcionam.

Uma das fontes de renda de algumas famílias é a agricultura em pequena quantidade, apenas para o consumo próprio. Cultivam o feijão, milho, mandioca, batata entre outros. Alguns criam animais de pequeno porte para ajudar na alimentação própria, como porcos, galinhas, vaca para o leite e também aram a terra com bois de canga. As famílias geralmente são grandes, sendo comum encontrar algumas que possuem de sete a oito filhos.

Existe uma grande preocupação com a língua materna que é praticamente falada por quase todos da família. E a escola indígena vem para fortalecer isso cada vez mais, para que não se perca esse legado dos antepassados. Mas a escola indígena precisa trabalhar muito além disso, trazendo o educando para participar de um novo debate sobre novos horizontes que visam enfrentar esse mundo a que estão inseridos hoje. É através da educação que podemos buscar um novo rumo para o meio em que estamos envolvidos.

De alguma forma buscar novos subsídios para enfrentar os problemas existentes nas comunidades indígenas, pois a maioria que estão ali nas comunidades não conseguem ter uma visão mais ampla sobre novos rumos para ter uma vida mais promissora para as futuras gerações.

Nos Projetos Político-Pedagógicos das escolas indígenas, observa-se a preocupação em tratar de temas que fazem parte da realidade das comunidades, como o uso de bebidas alcoólicas e o alcoolismo. A escola tem o papel de dialogar com essas questões, buscando compreender suas causas e orientar os estudantes sobre os riscos e consequências para a saúde e para a convivência familiar e comunitária. As *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena* (Brasil, 2013) orientam que a escola promova ações voltadas à valorização da cultura e da vida, integrando saberes tradicionais e conhecimentos científicos na busca por soluções que fortaleçam o bem-estar coletivo. A *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) também contempla essa discussão quando propõe o trabalho com temas contemporâneos transversais, entre eles a promoção da saúde e a prevenção ao uso de álcool e outras drogas (Brasil, 2018). Dessa forma, o PPP da escola indígena assume a responsabilidade de incluir práticas pedagógicas que ajudem os estudantes e suas famílias

a refletirem sobre esse problema e a buscarem caminhos que fortaleçam os valores culturais, espirituais e comunitários do povo indígena.

#### 4.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta sequência didática tem como objetivo promover a reflexão crítica dos alunos indígenas sobre o alcoolismo, relacionando o tema com os saberes tradicionais Kaingang e com os conhecimentos científicos. Busca-se, por meio da valorização da bebida tradicional *Kiki koj*, compreender os significados culturais dessa prática ancestral e diferenciá-los do consumo prejudicial de bebidas alcoólicas na atualidade. A proposta pretende ainda estimular o protagonismo dos estudantes na construção de ações de conscientização e prevenção, integrando aspectos culturais, sociais e científicos, fortalecendo assim a identidade Kaingang e o compromisso coletivo com a saúde e o bem-estar da comunidade.

**Tema:** Alcoolismo

**Objetivo Geral:**

- Conhecer as principais causas do alcoolismo nas comunidades indígenas;
- Resgatar o conhecimento dos alunos sobre o kiki koj;

**Objetivos específicos:**

- Estudar sobre a trajetória do povo kaingang e o porque utilizavam esta bebida;

**Conteúdos:** Bebida tradicional kaingang; Processo de preparação; Matérias primas para elaboração do kiki koj; Bebidas alcoólicas e seus malefícios; Consequências das bebidas alcoólicas.

**Quadro 1 - Estrutura geral da Sequência Didática.**

<b>Conteúdos</b>	<b>Objetivo (s) da atividade</b>	<b>Duração</b>
1: O <i>Kiki</i> , bebida utilizada nos rituais sagrados Kaingang.	Analisar e investigar os conhecimentos dos alunos sobre o <i>Kiki</i> e compreender o significado cultural dessa bebida tradicional.	2 h
2: - Tipos de bebidas alcoólicas e suas matérias-primas; -Processos de produção; -Comparação entre o <i>Kiki</i> e as bebidas industrializadas.	Debater o uso das bebidas alcoólicas na atualidade e refletir sobre a diferença entre o sentido cultural e o consumo prejudicial.	2 h
3: -Consequências do uso contínuo de bebidas alcoólicas; - Doenças relacionadas ao alcoolismo; -Impactos sociais e familiares.	Compreender as consequências do alcoolismo e refletir sobre formas de prevenção e tratamento.	2 h

4: - O etanol e suas propriedades químicas; - A ação do álcool no organismo humano; - Relação entre ciência e cotidiano indígena.	Compreender os efeitos do álcool no corpo humano e relacionar a química presente nas bebidas com os impactos à saúde.	2h
5: - Prevenção e conscientização sobre o alcoolismo; - Criação de materiais didáticos e culturais.	Produzir materiais educativos de conscientização sobre os efeitos do álcool, valorizando os saberes Kaingang.	2 h
6: - Apresentação dos trabalhos produzidos; - Síntese das aprendizagens; - Compromisso coletivo com a prevenção.	Refletir sobre o aprendizado e fortalecer o compromisso dos alunos com a valorização da vida e da cultura Kaingang.	2 h

## Sequência de aulas para alunos indígenas do 9º ano do Ensino Fundamental

### Tema: Abordagem do alcoolismo nas escolas indígenas

#### 1ª AULA: Kiki, bebida tradicional Kaingang

**Conteúdo:** Kiki, bebida utilizada nos rituais sagrados Kaingang.

**Objetivo geral:** Analisar e investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o kiki e compreender o significado cultural dessa bebida tradicional.

#### Procedimentos metodológicos:

A aula iniciará com uma roda de conversa sobre o Kiki koj, bebida utilizada antigamente nos rituais sagrados.

O professor fará perguntas investigativas para despertar a memória e o conhecimento cultural dos alunos.

- 1) Você sabe ou já ouviu falar sobre esta bebida tradicional?
- 2) Alguém de sua família ou parente próximo já participou desse ritual ou experimentou essa bebida?
- 3) Na sua opinião, o povo kaingang ainda deveria praticar esse tipo de ritual?
- 4) Quais os motivos relacionados a essa prática ter diminuído?
- 5) Quais eram os efeitos dessa bebida, e quais matérias primas eram usadas para elaboração desta bebida?
- 6) Para que era feito esse ritual e porque utilizar essa bebida?

Durante as respostas e trocas, o professor anotarà no quadro as contribuições dos alunos e poderá ampliar a discussão sobre como as bebidas — tradicionais e modernas — têm afetado os jovens nas comunidades indígenas.

Logo após, os alunos serão divididos em grupos de até quatro integrantes para responder e dialogar sobre as questões, podendo também conversar com seus familiares para aprofundar o conhecimento.

**Recursos e materiais:** Caderno, bloco de notas, quadro branco, lápis de cor, canetas.

**Procedimento para avaliação:** A avaliação será contínua considerando o envolvimento, as falas e as reflexões dos alunos durante a roda de conversa e as atividades em grupo.

## **2ª AULA: As bebidas alcoólicas na sociedade e o Kiki**

### **Conteúdos:**

- Tipos de bebidas alcoólicas e suas matérias-primas;
- Processos de produção;
- Comparação entre o *Kiki* e as bebidas industrializadas.

**Objetivo geral:** Debater o uso das bebidas alcoólicas na atualidade e refletir sobre a diferença entre o sentido cultural e o consumo prejudicial.

A aula começará retomando o vídeo “**Kiki – O Ritual da Resistência Kaingang**” (35”), destacando os ingredientes e o significado ritual da bebida. Além disso demonstrar que cada elemento que o compõem forma a receita através de um processo químico. Em seguida, o professor fará perguntas reflexivas:

- Você já tomou o *Kiki* ou ajudou a prepará-lo?
- Ele produz efeitos benéficos ou prejudiciais?
- Será que essa tradição ainda é mantida?

Em contrapartida, vamos conhecer os tipos de bebidas alcólicas e suas formas de produção. Os alunos conhecerão os tipos de bebidas alcoólicas atuais e seus processos de produção química, com apoio do vídeo “Processo de produção de bebidas destiladas” (Canal *Cerveja e Malte* – 1:45 min).

O professor explicará como ocorre a fermentação e a destilação, destacando os aspectos científicos e os riscos à saúde. Em seguida serão feitas mais algumas perguntas para reflexão:

- 1) Quais as bebidas alcólicas que vocês conhecem hoje?
- 2) Quem pode beber normalmente? Com qual frequência?
- 3) Os integrantes da sua família consomem bebidas alcólicas? Você já experimentou?

Para ampliar a análise utilizar como material de apoio o Decreto do Ministério da Agricultura Nº 6.871/2009, em seu capítulo 5, artigo 12 que se destina a classificação das bebidas não -

alcoólicas e alcoólicas (Brasil, 2009). Em paralelo às análises de ambos materiais, discutiremos a presença da Química no cotidiano, especialmente nos processos de fabricação das bebidas, o qual chamou mais atenção, e a relação destas na relação da perda da cultura do kiki na atualidade Kaingang.

Como forma de produção dos conhecimentos, os grupos que se formaram no início da realização desse tema receberam materiais de recorte como livros e revistas e elaboraram um quadro elencando as matérias primas utilizadas na elaboração do kiki. Embasado nesse, poderiam também escolher uma bebida alcoólica consumida atualmente e descrever sobre as vantagens e desvantagens dessa bebida, comparando - a com o mesmo.

**Recursos e materiais:** Quadro branco, vídeos, revistas, livros, cartolina, canetas coloridas.

**Procedimento para avaliação:** Observação da participação, interesse nas discussões e qualidade do quadro comparativo produzido pelos grupos.

### **3ª AULA: As bebidas alcoólicas e suas consequências**

#### **Conteúdos:**

- Consequências do uso contínuo de bebidas alcoólicas;
- Doenças relacionadas ao alcoolismo;
- Impactos sociais e familiares.

**Objetivo geral:** Compreender as consequências do alcoolismo e refletir sobre formas de prevenção e tratamento.

#### **Procedimentos metodológicos:**

A aula inicia com a pergunta-problema: “Quais as principais causas do alcoolismo em nossa comunidade? ” Os alunos deverão levantar hipóteses sobre as causas e consequências, como acidentes, desestrutura familiar, doenças e violência.

Em seguida, serão convidados a realizar uma pesquisa com familiares ou membros da comunidade, com as seguintes perguntas:

- Qual o papel da escola no combate ao alcoolismo?
- Como podemos combater o alcoolismo nas terras indígenas?
- Quais as principais causas do alcoolismo nas comunidades indígenas?
- Quais as consequências do uso excessivo de bebidas alcoólicas?

Na aula seguinte, os resultados serão socializados em uma roda de conversa. Serão convidados familiares e representantes do Serviço de Saúde Indígena local, para aprofundar o diálogo sobre os impactos do álcool e formas de tratamento.

Para finalizar, os grupos criarão charges ilustradas mostrando o “final feliz” e o “final triste” de personagens que enfrentam o alcoolismo.

Esses trabalhos formarão o painel “Quem pensa tem consciência: preserve a vida”, exposto no pátio da escola.

**Recursos e materiais:** Caderno, cartolinas, lápis de cor, revistas, cola e tesoura.

**Procedimento para avaliação:** Participação na pesquisa e nas discussões, criatividade nas charges e envolvimento nas reflexões coletivas.

#### **4ª AULA: A química do álcool – o corpo e a mente**

##### **Conteúdos:**

- O etanol e suas propriedades químicas;
- A ação do álcool no organismo humano;
- Relação entre ciência e cotidiano indígena.

**Objetivo geral:** Compreender os efeitos do álcool no corpo humano e relacionar a química presente nas bebidas com os impactos à saúde e no ensino de biologia sobre a ação dos efeitos no organismo humano.

##### **Procedimentos metodológicos:**

O professor explicará, de forma simples e visual, como o álcool age no cérebro, no fígado e no sistema nervoso.

Será demonstrado, com auxílio de cartazes e imagens ou slides, o processo químico de fermentação alcoólica.

Os alunos realizaram uma experiência simbólica (sem uso de álcool real), simulando a fermentação com suco de uva, açúcar e fermento biológico, para observar a formação de gás. Em seguida, farão a comparação entre o conhecimento científico e o saber cultural do *Kiki*, reconhecendo o valor de ambos, assim os alunos irão fazer um registro por escrito para apresentar aos colegas nos próximos dias.

**Recursos e materiais:** Cartazes, projetor, copos plásticos, fermento, suco de uva, açúcar.

**Procedimento para avaliação:** Observação do envolvimento nas atividades práticas e na reflexão sobre os efeitos do álcool.

#### **5ª AULA: Produção de materiais educativos**

##### **Conteúdos:**

- Prevenção e conscientização sobre o alcoolismo;
- Criação de materiais didáticos e culturais.

**Objetivo geral:** Produzir materiais educativos de conscientização sobre os efeitos do álcool, valorizando os saberes Kaingang.

**Procedimentos metodológicos:**

Os alunos, organizados em grupos, elaboraram cartazes, panfletos, vídeos curtos ou desenhos que abordam a prevenção ao alcoolismo, utilizando símbolos, grafismos e elementos culturais Kaingang. O professor orientará o uso de linguagem acessível e mensagens educativas. Durante a produção, os grupos explicaram a escolha dos elementos culturais e o significado de suas criações.

**Recursos e materiais:** Cartolinas, tintas, canetas, papel reciclado, câmera ou celular.

**Procedimento para avaliação:** Criatividade, clareza da mensagem e relação entre o conteúdo científico e cultural.

**6ª AULA: Socialização e reflexão final****Conteúdos:**

- Apresentação dos trabalhos produzidos;
- Síntese das aprendizagens;
- Compromisso coletivo com a prevenção.

**Objetivo geral:** Refletir sobre o aprendizado e fortalecer o compromisso dos alunos com a valorização da vida e da cultura Kaingang.

**Procedimentos metodológicos:**

Os grupos apresentarão seus materiais educativos para a comunidade escolar e convidados. Será promovida uma roda de conversa final, em que os alunos compartilharão suas percepções e compromissos pessoais frente ao tema. O professor fará o fechamento, destacando a importância de unir ciência, cultura e valores comunitários no combate ao alcoolismo.

**Recursos e materiais:** Trabalhos dos alunos, microfone, mural, som ambiente.

**Procedimento para avaliação:** Participação nas apresentações, envolvimento nas discussões e reflexão crítica demonstrada pelos alunos.

## 5. REFLEXÕES SOBRE A PROPOSTA

Acredito que esta proposta didática pode contribuir de forma significativa para a educação indígena, porque parte da nossa própria realidade e dos nossos saberes. Quando escolhi trabalhar o tema do alcoolismo a partir da bebida tradicional *Kiki koj*, pensei em como seria importante que os alunos pudessem conhecer e valorizar o verdadeiro significado dessa bebida, que sempre teve um papel sagrado para o povo Kaingang. Dessa forma, o ensino pode ir além dos conteúdos escolares e se tornar um espaço de reflexão sobre a cultura, a saúde e o bem viver. A escola passa a ser um lugar de fortalecimento da identidade e de diálogo entre o saber tradicional e o conhecimento científico.

Vejo que o ensino de ciências proposto aqui é diferente daquele que geralmente acontece na maioria das escolas indígenas. Muitas vezes, as aulas seguem o mesmo modelo das escolas não indígenas, sem considerar o modo próprio de aprender e ensinar de cada povo. Como afirmam Bergamaschi e Silva (2007, p. 132), “as escolas indígenas não são recebidas passivamente nas aldeias, mas transformadas pelos povos que delas se apropriam”, o que mostra que a escola pode e deve ser um espaço de criação e resistência. Na minha proposta, o ensino de ciências se aproxima da cultura Kaingang, valorizando o *Kiki koj* como ponto de partida para discutir processos químicos e biológicos, mas também os sentidos culturais dessa prática. Como diz Candau (2010), a educação intercultural precisa reconhecer e valorizar os diferentes modos de produzir conhecimento, e é justamente isso que procuro fazer ao unir saberes da ciência e saberes tradicionais.

A aproximação entre cultura e escola é essencial. Quando os alunos percebem que a escola respeita e valoriza a cultura Kaingang, eles se sentem pertencentes e valorizados. De acordo com Bergamaschi e Silva (2007, p. 144), “a apropriação da escola pelos povos indígenas é constitutiva de sua identidade e autonomia”, e acredito que esse é um dos principais papéis da educação indígena: fortalecer o sentimento de pertencimento e de continuidade cultural. Do mesmo modo, Baniwa (2019) reforça que uma educação indígena de qualidade é aquela que respeita as epistemologias dos povos originários e fortalece suas identidades coletivas. Isso significa que, ao trazer o *Kiki koj* para dentro da escola, estou também ajudando a reafirmar nossa cultura e nossos modos próprios de aprender.

Escolhi o tema do alcoolismo porque ele toca diretamente a realidade das comunidades indígenas e precisa ser tratado com sensibilidade e respeito. Como destaca Hammes (2021, p. 224), “há ciência produzida pelos povos indígenas, e essa produção difere da ciência hegemônica ao buscar coexistências em diálogo”. Acredito que essa ideia se aproxima muito do que busco com esta proposta: promover o diálogo entre diferentes saberes, sem hierarquizá-los. Ao refletir sobre o alcoolismo e o significado cultural do *Kiki koj*, os alunos podem compreender os efeitos do álcool, mas também reconhecer a importância dos valores e tradições que fortalecem a vida comunitária.

Para mim, esse trabalho também é uma forma de praticar o que Paulo Freire (1996) ensina, quando diz que a educação deve ser um ato de liberdade, capaz de transformar a realidade. Acredito que, ao dialogar sobre o alcoolismo e a cultura Kaingang, os alunos podem levar essas reflexões para suas famílias e comunidades, ajudando a construir caminhos de conscientização e cuidado coletivo. Assim, a escola cumpre um papel importante não apenas na formação intelectual, mas também na formação humana e cultural.

Portanto, entendo que essa proposta de ensino de ciências contribui para tornar a escola indígena um espaço vivo, de trocas, de resistência e de reconstrução dos saberes. Como educador, acredito que é unindo ciência, cultura e valores comunitários que podemos fortalecer a identidade Kaingang e construir uma educação que realmente faça sentido para o nosso povo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta sequência didática sobre o alcoolismo na escola indígena nasceu da necessidade de dialogar com uma realidade que atinge muitas famílias nas comunidades Kaingang e em outras aldeias do país. Discutir esse tema em sala de aula é uma forma de enfrentar, com coragem e sensibilidade, um problema que não é apenas individual, mas coletivo, histórico e social.

Ao longo das atividades desenvolvidas, foi possível perceber que o ensino de Ciências pode ir além da explicação biológica e química e dos conteúdos do livro didático, tornando-se um espaço de reflexão crítica e transformação social. Em cada aula planejada, os alunos são convidados a pensar sobre as causas e consequências do uso abusivo do álcool, relacionando o tema com o corpo humano, a família, a cultura e a convivência comunitária.

O diálogo entre os saberes escolares e os saberes tradicionais Kaingang mostrou-se fundamental para que o tema fosse abordado com respeito e significado. A valorização das práticas culturais e da língua indígena ajudou a construir uma aprendizagem mais próxima da realidade dos alunos, despertando neles o sentimento de pertencimento e a responsabilidade com a vida coletiva. O ensino, assim, deixou de ser apenas transmissão de conteúdos para tornar-se um ato de escuta e de construção conjunta de conhecimento.

Como professor indígena, pude compreender que trabalhar o tema do alcoolismo na escola exige mais do que informação: exige acolhimento, empatia e compromisso com o bem viver. A escola, nesse sentido, precisa se reconhecer como espaço de prevenção, de diálogo e de fortalecimento da comunidade. É nela que os jovens podem aprender a cuidar de si e dos outros, resgatando valores que sempre foram parte do modo de ser Kaingang, como o respeito, o equilíbrio e o coletivo.

A Educação do Campo e a Educação Escolar Indígena compartilham o mesmo princípio: ensinar a partir da realidade vivida, conectando o conhecimento científico com as experiências do território. Essa sequência didática mostrou que o ensino de Ciências pode contribuir para formar sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a saúde e com a vida comunitária.

Encerrar este trabalho não significa concluir o tema, mas abrir caminhos para novas práticas e reflexões dentro da escola indígena. Fica o compromisso de continuar fortalecendo uma educação que reconheça a diversidade, respeite a cultura e promova o diálogo entre os saberes, formando jovens capazes de construir um futuro mais saudável e consciente para seu povo.

## 7. REFERÊNCIAS

BALDUS, Herbert. Culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas. In H. Baldus. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1937, p. 29-69.

BALDUS, Herbert. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/SECAD, 2019.

BARBOZA, Luiz Bueno Horta. *A pacificação dos Kaingangs paulistas: hábitos, costumes e instituições desses índios*. Publicação n. 88. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1913.

BECKER, Ítala Irene Basile. *O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1976.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SILVA, Rosa Helena Dias da. Educação escolar indígena no Brasil: da escola para índios às escolas indígenas. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 124–150, 2007. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/agora/article/view/113>.

BERTOLOTE QUILLES, José Manuel. Mansidão de fogo: aspectos etnopsicológicos do comportamento alcoólico entre o Bororo. In: *Anais do Seminário sobre Alcoolismo e DST/AIDS entre os Povos Indígenas*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. p. 166–179.

BORBA, Telemâco. *Atualidade indígena*. Curitiba, 1908.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica*. Brasília: MEC/SECADI, 2013.

Brasil. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil [recurso eletrônico] : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas constitucionais nºs 1/1992 a 125/2022, pelo Decreto legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas constitucionais de revisão nºs 1 a 6/1994. -- 61. ed. -- Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2022. -- (Série legislação ; n. 1)

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 3 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Vigitel Brasil 2023: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural: entre o dito e o feito*. Petrópolis: Vozes, 2010.

CENTRO DE INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE E ÁLCOOL (CISA). *Álcool e a saúde dos brasileiros – Panorama 2024*. 6. ed. Brasília: CISA, 2024. p. 12–16. Disponível em: <https://www.cisa.org.br>. Acesso em: 10 nov. 2025.

COLOMA, Ana. Processo de alcoolização no contexto das nações indígenas. In: *Anais do Seminário sobre Alcoolismo e DST/AIDS entre os Povos Indígenas*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. p. 127–148.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, 1921 - 1997. *Pedagogia do Oprimido*. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. *Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas*. Brasília, 2000.

GHIGGI JUNIOR, Luiz Fernando. *Alcoolismo e violência: um estudo antropológico entre os Kaingang*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57–63, mar./abr. 1995.

HAMMES, Elisabete Cristina. Coexistências em diálogo: ciência e pedagogia Kaingang produzindo a diferença epistêmica. *Cadernos NAUI*, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 223–242, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159551>.

HEATH, Dwight B. Borrachera indígena: cambio de concepciones. In: SAIGNES, Thierry (comp.). *Borrachera, memoria: la experiencia de lo sagrado en los Andes*. Travaux de l'IFEA, t. 69. Lima: Hisbol/Instituto Francês de Estudos Andinos, 1993. p. 171–185.

LANGDON, Esther Jean Matteson; MATTESON, Leticia. *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

LINS, Vasconcelos A. A questão indígena no Nordeste. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*, 2., 2004, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, set. 2004.

MARLAIT, G. Alan. *Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Anais do Seminário sobre Alcoolismo e DST/AIDS entre os Povos Indígenas*. Brasília, DF, 2001.

OBSERVATÓRIO NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA. *Relatório sobre o consumo de álcool no Brasil 2024*. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

OLIVEIRA, Marlene. Alcoolismo entre os Kaingáng: do sagrado e lúdico à dependência. In: *Anais do Seminário sobre Alcoolismo e DST/AIDS entre os Povos Indígenas*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. p. 99–125.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Classificação Internacional de Doenças – CID-10*. Genebra: OMS, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório global sobre álcool e saúde 2023*. Genebra: OMS, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Consumo nocivo de álcool: dados mundiais*. [s. d.]. Disponível em: <https://www.saudedireta.com.br/docsupload/1333061103alcoolesuasconsequencias-pt-cap1.pdf>. Acesso em: 29 maio 2023.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. *Cartilhas de saúde indígena: experiências Kaingang no Sul do Brasil*. Instituto Socioambiental (ISA), 2004. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org>.

QUILLES, José Antonio. *Alcoolismo: uma doença social*. São Paulo: Paulus, 2000.

SILVA, André Luís Freitas da [et al.]. *Kanhgág ag Vënh Kógan kar ag Venhgrén: pintura e dança Kaingang*. Santo Ângelo, RS: Ediuri, 2009.

SEMINÁRIO SOBRE ALCOOLISMO E VULNERABILIDADE ÀS DST/AIDS. *Relatório final*. Brasília: Ministério da Saúde, 1997.

SIQUEIRA-DURAN, Luciane. *Curso introdutório sobre Síndrome Alcoólica Fetal*. Convênio Governo do Canadá/Brasil. Londrina, PR, 2001.

SOUZA, Ana; AGUIAR, Rosani. Alcoolismo em população Terena no Estado do Mato Grosso do Sul: impacto da sociedade envolvente. In: *Seminário sobre Alcoolismo e DST/AIDS entre os Povos Indígenas*. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde, Ministério da Saúde, 2001. p. 149–165.

SOUZA, José Augusto de. *Estudo epidemiológico descritivo de alcoolismo no Bairro Universitário de Campo Grande – MS*. 1996. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1996.

TESCHAUER, C. S. J. (Pe. Carlos). A catequese dos índios coroados de São Pedro do Rio Grande: contribuição para a história da civilização da América. *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1905.

TOMMASINO, Kimiye; REZENDE, Benedito. *Kikikoi: ritual dos Kaingáng na Área Indígena de Xaçecó/SC*. 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa e educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, Juracilda. *Organização social e cosmovisão Kaingáng: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional*. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.